

A Atividade de Extensão Universitária, o Jardim São Remo e uma Instituição Educacional – Desafios na Criação de um Campo Comum de Trabalho

University Extension Activity, Jardim São Remo and an Educational Institution – Challenges in Creating a Common Field of Work

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a função da extensão na universidade pública, por meio das atividades do Grupo de Articulação de Trabalhos de Extensão do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Trata-se de um grupo aberto, composto por alunos, professores e funcionários do Instituto preocupados em defender a função pública da universidade (em especial, a da USP) na sociedade brasileira. Duas alunas e uma professora participantes do Grupo de Articulação desenvolveram uma atividade no Espaço Girassol, instituição de atividade complementar à escola, localizada no Jardim São Remo, próximo ao campus USP da capital. Utilizando os registros das reuniões do Grupo de Articulação e os relatórios de estágio, apresentaremos o funcionamento desse grupo e focaremos a construção de um trabalho de estágio no Espaço Girassol. Nossa discussão afirma a relação entre o trabalho pontual de extensão universitária e a defesa do caráter público da extensão.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Jardim São Remo. Estágio. Instituição Educacional.

ADRIANA MARCONDES
MACHADO E
LAURA ALBUQUERQUE
AZEVEDO

Universidade de São Paulo.
Instituto de Psicologia, São
Paulo, Brasil

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the role of the public university extension courses through the activities of a Group which articulates the Extension Courses of the Psychology Institute in the University of São Paulo. This Group is an open group, composed of students, faculty and staff members of the Institute who are concerned in defending and reflecting upon the role of the public university (specially USP) in the Brazilian society. Two students and a teacher, who were participants of this Group, developed an activity in Espaço Girassol, an educational institution located in Jardim São Remo (near USP, capital campus) that complements the school's activities. Using records from the meetings of the articulation group and the internship reports, we

will present the functioning of this group and we will focus on the construction of the work done on the internship in Espaço Girassol. Our discussion affirms the relationship between this singular work of the university extension and the defense of the public character of the extension.

Keywords: University Extension. Jardim São Remo. Internship. Educational Institution.

INTRODUÇÃO

O Grupo de Articulação de Trabalhos de Extensão do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), formado a partir de questionamentos e reflexões de alunos, professores e funcionários do instituto sobre a função da universidade pública (em especial, a da USP) na sociedade brasileira, teve sua origem suscitada por eventos que ocorreram na Universidade de São Paulo e no Instituto de Psicologia ao final do ano de 2011.

Nesse período, no âmbito da universidade, a USP vivia um momento de conflitos entre a Reitoria e o movimento estudantil, que culminaram com a intervenção da Polícia Militar no campus da Cidade Universitária. Já no âmbito do Instituto de Psicologia, foi enviada para a Congregação uma proposta de projeto de abertura de uma empresa júnior no Instituto, defendida como legítima por ser entendida como mais um projeto de extensão da faculdade.

Tais ocasiões levantaram debates sobre quais são e quais deveriam ser as funções de uma universidade pública brasileira, focando-se, nessa discussão, a preocupação com práticas e concepções atreladas ao funcionamento submetido à lógica do mercado. Com essa motivação, surgiu o Grupo de Articulação de Trabalhos de Extensão do Instituto de Psicologia da USP, com a pretensão de ser um fórum de discussão, articulação de projetos e construção de ações que pudesse ampliar o debate sobre a função da extensão na universidade pública.

No início de 2012, o grupo se solidificou, embora ainda não possuisse frequência regular de reuniões. O grupo fez uma apresentação e coordenou uma atividade na Semana de Recepção dos Calouros, com o intuito de proliferar o debate sobre o papel social da universidade pública. Ao longo do primeiro semestre de 2012, foram levantados problemas, dentre os quais, a fragmentação dos projetos de extensão do IP-USP: os alunos sentem dificuldades para entender as propostas de extensão e a discussão sobre a concepção política de extensão universitária, ficando, assim, enfraquecida.

No segundo semestre de 2012, o Grupo de Articulação de Trabalhos de Extensão do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo expandiu-se e formalizou-se por meio de divulgação, da determinação da matrícula dos alunos participantes em matérias práticas e do planejamento de um calendário de reuniões quinzenais.

Logo no início, no segundo semestre de 2012, ocorreu a Semana de Psicologia da USP – 2012, que, embora não tivesse um tema oficial, foi permeada pelo debate acerca da extensão universitária. Na mesa de abertura, a professora Maria Helena Souza Patto proferiu palestra sobre as concepções de universidade pública presentes na história

da USP e relacionadas ao tema da extensão universitária.

No decorrer do semestre, outros eventos também enriqueceram as discussões, como um debate ocorrido no Instituto de Psicologia sobre a presença de cursos de extensão pagos no IP-USP e sobre a decisão do IP, desde 2007, que estabeleceu portaria defendendo a gratuidade dos cursos de extensão. A questão principal era se essa portaria deveria permanecer, ou ser modificada, e o debate teve o intuito de subsidiar posterior consulta pública à comunidade do IP-USP. A ocasião foi muito relevante para o presente tema de discussão, pois centrou-se exatamente na discussão do caráter público e gratuito da universidade. A consulta pública teve como resultado a manutenção da portaria e, portanto, a proibição de cursos pagos.

As ações exercidas pelo grupo foram embasadas na metodologia da pesquisa participante. Segundo Schmidt [6], professora do Instituto de Psicologia da USP e participante do Grupo de Articulação, a prática da pesquisa participante apreende criticamente as dimensões éticas e políticas das pesquisas de campo. Trata-se de participar, não com a aceção de fazer parte da pesquisa do outro, mas, sim, para constituir o sentido do que é pesquisado.

As discussões e as ações do grupo têm por base a defesa de uma concepção de universidade pública que a considera um direito democrático e, assim sendo, deve ter como função atender à sociedade em que se insere e ser horizonte de transformação social. Ao nos referirmos a essa universidade, cabe ressaltar que ela faz parte de um sistema educacional produtor de desigualdade social. Os mais pobres têm menos acesso à educação que possibilite ingressar em universidade pública. A maioria de nossos estudantes advém de grupos sociais privilegiados. Portanto, pensar a democratização da extensão implica problematizar não apenas a relação que a universidade estabelece em seus trabalhos de extensão, mas seu próprio funcionamento.

A universidade pública se constitui em um tripé que articula pesquisa, ensino e extensão, devendo, em todos os aspectos, problematizar a forma como serve à sociedade na qual se insere. Essa trílice função não é equilibrada e, por vezes, a extensão universitária é menos priorizada ou, então, exercida de maneira a manter o status quo da universidade.

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a função da extensão na universidade pública, por meio das atividades do Grupo de Articulação de Trabalhos de Extensão do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Focaremos uma das atividades desse grupo realizada no Espaço Girassol, instituição de atividade complementar à escola, localizada no Jardim São Remo*. Utilizaremos os relatos do trabalho e os registros das supervisões da atividade para subsidiar a discussão.

* A atividade foi realizada por Laura Albuquerque Azevedo e Isabel Cavalcanti, alunas da graduação do Instituto de Psicologia da USP, e supervisionada por Adriana Marcondes Machado, professora do Instituto de Psicologia.

CRIANDO TERRITÓRIOS COMUNS

A relação USP–São Remo é atravessada por várias questões. O Jardim São Remo tem em torno de 13 mil habitantes. Muitos de seus moradores trabalham na USP, principalmente, em empresas terceirizadas que prestam serviços à universidade. A região sofre com o problema de falta de vagas em creche e com o lixo que se espalha pelas ruelas. Muitas mulheres precisam deixar seus filhos em locais apertados, nas casas de vizinhos, para que possam trabalhar.

A USP possui um terreno no Jardim São Remo e havia uma demanda dos moradores da região para que nele se construísse uma creche. Construiu-se uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) para desafogar a grande demanda que chega ao Hospital Universitário da USP (HU), o qual é referência para 400 mil habitantes e para os trabalhadores da USP.

Ao procurarmos o contato com a associação de moradores do bairro, estes temas estiveram presentes: dúvidas relacionadas a uma proposta de reurbanização do bairro feita pela USP há cerca de dois anos; a falta de creches na região; o problema da criminalidade e do uso de drogas; e a evasão escolar. Foram feitos contatos com equipamentos educacionais locais, dentre os quais, o Circo-Escola e o Projeto Alavanca **. Além disso, foi estabelecida uma relação mais sistemática com a Creche Girassol. No segundo semestre de 2012, conhecemos o trabalho dessa creche, cujo espaço era utilizado para outras atividades organizadas pela Associação Agente: oficina de artes para mulheres nas quartas-feiras e alfabetização de adultos durante o período noturno. Em 2013, a creche deixou de existir e passou a ser o Espaço Girassol, um equipamento que realizava atividades complementares ao horário escolar.

O Grupo de Articulação de Trabalhos de Extensão do IP-USP manteve suas reuniões quinzenais e os participantes realizavam diferentes articulações: alguns colegas se interessaram por discutir e pensar a questão do trabalho informal – ao caminhar pelo Jardim São Remo, percebemos que, em quase todas as casas, ocorre venda de algum produto ou prestação de algum serviço. Foi estabelecido um contato, também, com o programa Aproxima-Ação ***, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, que mantém uma relação de longo prazo com o Jardim São Remo. Passamos a participar do encontro mensal da rede Aproxima-Ação, em sua sede, na USP.

Assim, com base nas discussões do Grupo de Articulação, da aproximação com a Comunidade São Remo e de nossas relações e contatos estabelecidos ao longo do

**O Projeto Alavanca era uma organização não governamental (ONG) que atuava na área de desenvolvimento comunitário por meio da educação, cultura e lazer, no Jardim São Remo. Promovia atividades de educação integral com crianças a partir dos seis anos de idade, jovens e adultos. Ao final de 2013, essa ONG encerrou seus trabalhos na região.

***O Aproxima-Ação é um programa da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, que faz parte do Núcleo de Direitos da USP e que busca promover a cidadania e garantir os direitos de crianças e jovens do bairro do Jardim São Remo que vivem situações sociais vulneráveis. Para isso, o programa visa a ser um espaço de interlocução entre os diversos projetos e as diversas ações da Universidade e as demandas sociais, de modo a articular e dar suporte a atividades de formação e inclusão social por meio de ações de diferentes áreas de conhecimento.

semestre, delineamos linhas de trabalho de extensão universitária.

A partir de uma das questões trazidas à reunião da Associação de Moradores do Jardim São Remo, buscamos, com a ajuda dos profissionais da Agente, que administrava a Creche Girassol, conversar com jovens e crianças da São Remo. A ideia inicial era entrar em contato com a visão dos jovens moradores sobre a questão da educação, mas, ao longo do processo, as relações foram se estabelecendo de outras formas e o caminho seguido foi sendo alterado. Foi realizada entrevista com uma aluna de Enfermagem da USP, que sempre morou no Jardim São Remo, houve visitas a equipamentos escolares e conversas com mães de alunos. Alguns temas e preocupações recorrentes eram: as mães de jovens consideravam que a escola era distante de seus filhos – talvez pela grande troca de professores –, havia a preocupação com o alto número de alunos que não aprendem e dificuldades na relação entre os responsáveis pela criança e a escola (reuniões de pais marcadas em cima da hora), entre outras questões.

Em 2013, o Grupo de Articulação estreitou a relação com o programa Aproximação, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, que coordenou, por intermédio do trabalho de Bia Rocha, educadora do programa, um curso de formação de educadores de rua. Alguns membros do Grupo de Articulação participam até hoje desse curso semanal.

Como um núcleo que irradia ações e reflexões, as reuniões quinzenais do Grupo de Articulação tinham como tema os trabalhos que iam sendo desenvolvidos e as discussões conceituais que reforçavam a direção ético-política que afirma a função social da extensão na Universidade Pública [2, 4, 5].

O ESPAÇO GIRASSOL

Uma das funcionárias voluntárias do conselho consultivo da ONG Agente, Rita Akinaga, encontrou-se em um evento no IP com Adriana Marcondes, professora da instituição. Esse contato permitiu que se marcasse o primeiro encontro no Espaço Girassol, quando conhecemos sua história.

A Associação Metodista Livre Agente, apoiada pela Igreja Metodista Livre da Saúde, atua, desde 1993, no Jardim São Remo, com foco na educação. A igreja foi fundada por missionários do Japão, que vieram realizar trabalhos com imigrantes japoneses. A associação comprou um terreno no Jardim São Remo e implantou uma sede para desenvolver vários projetos no ano de 2000, graças a uma doação. Até então, realizava um trabalho de Educação Infantil na Associação dos Moradores de São Remo com o nome Escolinha Alô-Alô. No novo prédio, a escola alterou seu nome para Girassol e continuou sendo mantida por doações de alguns membros da igreja e da Missão Aliança (organização missionária fundada, em 1901, na Noruega). Em 2008, a Escola Girassol estabeleceu parceria com a Secretaria Municipal de Educação, tornando-se Centro de Educação Infantil Girassol (CEI). O CEI realizava um trabalho bastante elogiado pelos moradores em um espaço considerado privilegiado na região para atender as crianças. Parcerias internacionais, como com a Missão Aliança Noruega (feita em 2003), também colaboraram com a realização do projeto.

Com o convênio com a prefeitura, o CEI Girassol passou a atender crianças de três, quatro e cinco anos em período integral. Mas, em 2011 e 2012, a definição da faixa etária dos alunos sofreu alteração pela Secretaria Municipal de Educação e o CEI Girassol passou a atender apenas crianças com dois e três anos. O convênio com a prefeitura tinha seus benefícios devido à formalização da instituição, mas, ao mesmo tempo, a instituição precisava cumprir metas e acordos que a deixavam mais engessada e menos flexível para realizar os objetivos da Associação Agente, que visa à transformação integral (social, familiar, espiritual e material) de pessoas e famílias desfavorecidas e tem como principal objetivo a inclusão social de beneficiados, de modo que se tornem agentes de transformação.

Dessa forma, trabalhando com crianças muito novas (de dois e três anos) na creche, a Agente entendia que não conseguia cumprir seu objetivo como queria, devido à pouca idade da criança, que seria afetada pelo trabalho desenvolvido, mas não seria capaz de perpetuar aqueles valores para si. Trabalhando com crianças maiores e durante mais tempo, seria possível formá-las de modo mais efetivo. Foi principalmente devido a essas questões que o Centro de Educação Infantil Girassol passou, de 2012 a 2013, a ser o Espaço Girassol, um espaço educativo complementar ao horário escolar, que atende crianças de seis e sete anos.

Conhecemos esse equipamento em seu momento de transição, em que deixava de ser creche e passava a ser instituição de atividades complementares à escola. Com essa mudança, a falta de vagas em creches se agravou. Além do espaço educativo em si, a Associação Metodista Livre Agente realiza muitos projetos no Espaço Girassol****.

Em 2013, ano em que foi realizado nosso trabalho, o Espaço Girassol atendia um grupo com dezoito crianças de seis e sete anos no período da tarde, sendo a maioria ex-alunos da creche e estudantes de quatro escolas diferentes no período da manhã. Em março de 2013, passamos a visitar o Espaço Girassol semanalmente. Alguns professores que participavam do Grupo de Articulação de Trabalhos de Extensão do IP-USP abriram vagas em disciplinas práticas no currículo da graduação do Instituto de Psicologia. A ação no Espaço Girassol foi realizada por duas alunas da graduação (uma do primeiro e outra do quarto ano) e supervisionada pela docente de uma dessas disciplinas. O trabalho realizado contribuiu para articular a função da extensão na universidade pública e os desafios que se operam em algumas práticas de extensão.

****Em julho ocorrem atividades feitas pelos jovens da igreja fundadora dessa instituição, além dos Oficineiros da Prefeitura – tal como o professor de capoeira – e do teatro de bonecos. A Missão Aliança, parceira norueguesa da Agente, tem um programa de apadrinhamento e acompanhamento de crianças, em que é feito um acompanhamento familiar da criança e uma doação de uma quantia de dinheiro à Associação. Há ainda outro projeto, chamado Ler e Aprender, que incentiva ex-alunos a ler em encontros de duas horas, duas vezes semanais, durante um semestre. Ocorre, também, a já mencionada Oficina de Artesanato para mulheres moradoras da região e o PAPO Jovem, que consiste em um programa de apoio financeiro ao jovem, como um apadrinhamento. Além disso, a Agente também promove projetos relacionados ao esporte, à música e à alfabetização de adultos.

O TRABALHO DO ESTÁGIO

Estabelecemos uma forma de estar na instituição: semanalmente, as duas alunas da graduação participariam das atividades com as crianças e com o educador durante duas horas. Definimos que, dessa forma, poderia ser criado um território disparador [3] para conversas e reflexões sobre alguns temas trazidos pelas profissionais que trabalhavam com as crianças, como situações difíceis vividas por elas e formas de intervir no grupo quando momentos de agressividade se repetiam. Todo o procedimento criado foi discutido e definido conjuntamente com os profissionais que trabalham no Espaço Girassol. Nas primeiras visitas, a proposta era acompanharmos as atividades e trabalharmos com o que, aos poucos, fosse surgindo a partir dos acontecimentos do campo e das reflexões discutidas nas supervisões.

Ao todo, houve participação em dezesseis encontros com as crianças e a professora, duas reuniões com a equipe do projeto e supervisões semanais na universidade. Esse estágio ocorreu durante o primeiro semestre de 2013.

As primeiras visitas não foram feitas em dias fixos da semana, tendo ocorrido em sextas e quartas-feiras, mas logo se estabeleceram às quartas-feiras, com duração aproximada de duas horas. Consistiam nas seguintes partes: primeiro, o momento da oficina de capoeira, ministrada pelo professor oficineiro de capoeira e acompanhada pela professora da classe; depois, havia uma atividade na Sala de Leitura; por último, acompanhávamos o momento do lanche. Algumas vezes, pudemos ficar até a hora de brincar no pátio. As supervisões semanais na Universidade tinham a duração de uma hora e meia, em média. A cada visita, foi feito um registro escrito.

Ao longo dos encontros, fomos nos interessando por estar no horário da contação de histórias na Sala de Leitura. Conversando com a professora, soubemos que havia uma grande preocupação em relação à forma de tratar o tema das diferenças e a questão do preconceito. Essa discussão sobre as diferenças estava presente quando assistiram ao filme *Dumbo*, no qual um elefante nasce com orelhas muito grandes e, também, no dia em que ouviram a história do Patinho Feio. A educadora tinha por objetivo trabalhar o tema das diferenças com essas histórias. Algumas questões foram levantadas: como as crianças se conectam com o pensamento sobre a diferença a partir das histórias? Há histórias que abrem mais caminhos para pensar essa questão e outras menos? Ou todas podem produzir reflexões, a depender do significado que damos para elas? O que se pretende ao pensar esse tema?

A questão da existência de diferenças tem relevância em se tratando de um trabalho educacional. E a preocupação com as diferenças tornadas, historicamente, desigualdades está presente na discussão sobre as práticas compensatórias no sistema educacional, o desenvolvimento de técnicas de avaliação psicológica padronizadas e o preconceito.

Quando surgiram essas curiosidades, buscamos uma tese, indicada em supervisão, que tratava o tema da diferença corporal e/ou da deficiência em histórias da literatura infantojuvenil. Na tese de Lígia Assumpção Amaral [1], a autora analisou 47 histórias, buscando o papel que a diferença corporal ou a deficiência ocupava no enredo e classificou, a partir de vários elementos (narrador, trama, narrativa, tipos de discurso, situação inicial da história, universo constitucional das personagens, tipos

de deficiência e alteração corporal, personagens no contexto dramático, nomeação, campos de atribuição dos fenômenos na etiologia e desfecho), alguns livros que considerou libertadores, já que possibilitam, no desenrolar da trama, a aceitação ativa por parte da personagem portadora da diferença e também a aceitação pelas personagens que a circundam. Assim, a diferença não é tratada como um problema a ser superado.

Tendo isso em vista, pensou-se na possibilidade de criar personagens e histórias com fantoches. E uma maneira interessante de trabalhar esse tema seria definir características nas personagens, porém sem que necessariamente essas características se tornassem o assunto do enredo. A ideia era criarmos personagens, junto às crianças, que tivessem diversos atributos aleatórios e simultâneos (o personagem poderia ser tímido, medroso, gordo e engraçado ao mesmo tempo), de forma que nenhuma dessas características – ou diferenças – fosse o assunto principal da história e nem fosse tratada como um obstáculo. Foi o que buscamos, portanto, com a criação das personagens de nomes Júlio e Batata. Júlio era tímido, morria de medo de ver muitas pessoas, congelava frente a elas. Ao mesmo tempo, era um menino corajoso e até se dispôs a matar uma barata em um dos episódios em que ela apareceu para as crianças. Foi o primeiro a entrar em cena, em uma quarta-feira em que somente ele apareceu. Nesse dia, suas características foram criadas em conjunto com as crianças que sugeriam maneiras de ser para o personagem.

Já Batata, que recebeu esse apelido devido ao formato redondo de seu nariz e de suas pintinhas, apareceu logo em seguida. Ele foi caracterizado como brincalhão, medroso, travesso e mentiroso, devido a seu costume de contar mentiras para acobertar suas travessuras. Um de nossos objetivos era produzir histórias em que fosse possível romper com binarismos do tipo *mentir é errado e falar a verdade é certo*. O percurso para pensar e construir essas histórias foi intenso. Nas supervisões realizadas no Instituto de Psicologia, as estagiárias viam-se com as mesmas dúvidas que ocorriam às educadoras do Espaço Girassol: *ora, se o fantoche Batata mente, apronta e engana, não estaríamos reforçando esses comportamentos?* São dúvidas e temas também presentes nas discussões sobre as intervenções que educadores realizam quando os alunos fazem algo errado. Muitas dessas intervenções carregam o perigo de generalizar e, portanto, rotular um acontecimento como sendo uma coisa só, como tendo um único sentido. Isso impede que seja possível ampliar o campo de análise sobre aquilo que ocorre no cotidiano de uma instituição.

Talvez seja possível eleger essa questão como a que gerou o atravessamento de muitos temas. Trabalhar com a diferença era, muitas vezes, atrelado à ideia de aceitar a diferença – aceitar. Concordamos que a *aceitação*, no sentido de uma ação que afirma a existência de algo, o direito de algo existir, pode gerar transformação. Isto é, aceitar a existência de algo cria o novo. Aceitar a existência de casais homoafetivos muda as maneiras de viver a sexualidade. Mas precisamos ter cautela quando a aceitação nos leva para uma direção outra, para a direção da resignação. O que queremos que essas crianças, moradoras de um bairro pobre, vivendo, muitos deles, situações difíceis, tanto nas famílias como na escola, aceitem?

O fantoche Batata contou para qual time de futebol torcia. Alguns meninos ficaram revoltados, jogaram-no ao chão e a estagiária que o manipulava ficou chocada.

Situação difícil. Os meninos não deveriam ter feito isso, pode ser. Deveriam pedir desculpas, pois, afinal, Batata estava somente se apresentando, pode ser. Mas outros elementos estão em jogo na construção de uma situação em que esses meninos jogam Batata ao chão. Era um primeiro encontro, Batata falou sobre time de futebol para meninos de seis, sete e oito anos – as estagiárias estavam, pela primeira vez, coordenando uma atividade em grupo em um equipamento educativo.

Acessar maior amplitude dos elementos presentes na produção de um fenômeno e buscar a constituição histórica de um acontecimento implica colocarmos em análise o próprio dispositivo que inventamos para conhecer algo. O gesto de jogar Batata ao chão tem relação com o que essa atividade de extensão inventou como história, como fantoche, como fala.

Ao todo, foram sete momentos na Sala de Leitura com os fantoches. O trabalho possibilitou reflexões tanto sobre o processo educacional vivido no Espaço Girassol quanto à extensão universitária em si.

Nas conversas com as educadoras do Girassol, foi-nos ressaltada a importância de as crianças terem possibilidade de escolher atividades e do trabalho em prol da criação de coletivos. As conversas entre nós (equipe da USP e educadoras da instituição Girassol) foram possibilitando maior abertura para problematizar aquilo que atravessava os encontros: uma certa psicologia, uma certa igreja, aquelas crianças específicas, o momento em que participávamos das atividades, a formação e história das estagiárias, a relação USP–São Remo. Entendemos que esse momento do trabalho, as reuniões com as educadoras, em que podíamos conversar sobre o que essa experiência produzia, é conquista de um processo que precisa de tempo e cuidado. Ao estranhar que uma menina fosse mais criticada que um menino por bater nos colegas, estávamos defendendo a necessidade de entendermos a constituição de saberes e concepções que estão no campo social e que não são falhas do outro. Ora, nossa Universidade também está atravessada e constituída por uma história de desigualdade entre homens e mulheres.

Aos poucos, foi possível problematizar pequenas situações: os efeitos da escolha do ajudante do dia, a forma com disputavam as almofadas na Sala de Leitura, a necessidade de pedir para algumas crianças que esperassem um pouco fora da sala, a função de um estágio em Psicologia nessa instituição.

Ao final do semestre, entregamos um relatório escrito com algumas reflexões. Em setembro de 2013, ao final de um de nossos encontros com a equipe da Associação Agente, a equipe nos entregou, também por escrito, algumas reflexões que fizeram sobre nosso trabalho e nosso relatório. Rita, que trabalha na diretoria da agente, escreveu que a relação USP–São Remo sempre teve questões comuns: essa região foi formada a partir dos alojamentos dos operários que trabalharam nas construções da USP. Mas, embora nascidos paralelamente à Universidade, os destinos dos moradores da São Remo e dos estudantes da USP foram muito distintos. Havia um receio de que o estágio gerasse apenas observações ou conhecimentos que seriam, depois, apresentados. Contudo, todo o procedimento desse trabalho visou a uma construção conjunta de conhecimento a partir das experimentações realizadas.

Os encontros do Grupo de Articulação de Trabalhos de Extensão do IP-USP

subsidiavam nossas ações com a discussão sobre a necessidade e a importância de certa relação com o campo (criação de campo comum) para que as situações pudessem trazer a multiplicidade de elementos presentes e para que pudessemos habitar o processo de construção e de mudanças dos fenômenos com os quais trabalhamos.

REFLEXÕES

Este trabalho teve por objetivo, ao descrever o Grupo de Articulação de Trabalhos de Extensão do IP-USP, eleger uma das experiências, no *Projeto Espaço Girassol*, e articulá-la com algumas questões presentes na discussão sobre a extensão na universidade.

Nossas discussões, no Grupo de Articulação, focaram intensamente o perigo do caráter reprodutor de nossas práticas e pensamentos. Um perigo presente, inclusive, em nossas agendas de trabalho na Universidade: não tem sido fácil priorizar a criação de espaços comuns de trabalho necessários para o enfrentamento dos problemas da universidade. Agenda, tempo, encontro, conversa – para que esse trabalho fosse possível, foram necessários: a criação de uma agenda comum entre as pessoas do Espaço Girassol e da USP; a construção conjunta sobre o sentido do trabalho; um tempo semanal de supervisão; a escrita de um registro sistemático ao longo de todo o trabalho; a escrita de um relatório a ser entregue para a instituição ao final do trabalho; e encontros com as profissionais do Espaço Girassol durante o trabalho.

A função de nossos trabalhos não é ajudar os outros (embora esse verbo seja, muitas vezes, utilizado), mas exercer a função de extensão da universidade: compor, conectar experiências e conhecimentos com o objetivo de defender o espaço público e a garantia de direitos. Por isso a necessidade de problematizarmos as práticas da universidade que vão na contramão desses objetivos.

Chauí [2] e Patto [4] discutem a relação da universidade atrelada à lógica do mercado capitalista com um funcionamento direcionado à competição e à profissionalização. A universidade é um direito democrático. A democracia (como forma de existência social por meio da qual a sociedade, dividida em classes, realiza-se, estabelecendo seus valores, o poder político e as relações sociais) exige discussão, decisão coletiva, ação de reivindicação de direitos não garantidos e criação de espaços sociais de luta. Isso não ocorre em relações sociais marcadas fortemente pela cumplicidade, por relações de mando-obediência, pela opressão, pelo controle da grande mídia por monopólios, pela privatização dos Direitos Sociais que são transformados em Serviços Sociais. A universidade, segundo Chauí [2], segue essa lógica ao aceitar a ideia de modernização racionalizadora e passa a participar da economia e da sociedade, como prestadora de serviços às empresas privadas, perdendo de vista o papel público do trabalho de investigação ao prestar serviços que beneficiam o setor da sociedade que financia a pesquisa. É o que observa Patto [4] ao analisar a aproximação de unidades da USP, por meio da extensão universitária, com empresas privadas quando a modernização do currículo (ela cita o exemplo do Instituto de Química) visa a aproximar a graduação ao perfil exigido pela indústria.

O Grupo de Articulação de Trabalhos de Extensão do IP-USP defende a função

da extensão comprometida com o caráter público da universidade. Ao interrogarmos sobre o caráter da extensão em um estágio realizado em um equipamento educativo, observamos que práticas e concepções produtoras de desigualdade estão presentes em engrenagens cotidianas: na forma como agimos e falamos com as crianças, no procedimento e contratos dos estágios oferecidos pela universidade, nas formas como a universidade faz sua avaliação e organiza suas ações. Perceber-se nessa engrenagem e refletir os pequenos gestos e trabalhos que realizamos, priorizando a necessidade de criação conjunta do sentido do trabalho, permite desconstruir, criar brechas naquilo que tem nos afastado da função pública da extensão.

REFERÊNCIAS

- [1] Amaral, L. A. **Espelho convexo: o corpo desviante no imaginário coletivo, pela voz da Literatura Infanto-Juvenil**. São Paulo. Tese (Doutora em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- [2] Chauí, M. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- [3] MACHADO, A. M. Exercer a Postura Crítica: Desafios no Estágio em Psicologia Escolar. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 34, n. 3, set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932014000300761&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 abr. 2015. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/19823703001112013>>.
- [4] Patto, M. H. S. **A ideia de universidade: O estado da arte na revista Estudos Avançados [1987-2011]**. 2011.
- [5] Safatle, V. **A esquerda que não teme em dizer seu nome**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- [6] Schmidt, M. L. S. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, jun. 2006.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à equipe do Espaço Girassol pela abertura para essa construção e, em especial, à Rita Akinaga, pelas contribuições para este texto.

ADRIANA MARCONDES MACHADO docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) – email: adrimarcon@uol.com.br

LAURA ALBUQUERQUE AZEVEDO discente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP)